



ROSA AMANDA STRAUZ

“A poesia e a prosa são muito mais transgressoras que o rock”

Rosa Amanda Strausz é afiada desde que começou a publicar, no início dos anos oitenta. À época, já demonstrava tamanho talento para a desbasta que fundia síntese e elegância. A concentração no texto lhe possibilitava transitar por variados veículos: divertia-se como uma das editoras do ouriçado jornal independente *Luta & Prazer* e pagava as contas fazendo reportagens para comportadas revistas femininas.

Aprofundou essas experiências na ficção, campo em que estreou com o livro de microcontos *Mínimo múltiplo comum* (1990). Desde então, alterna-se entre textos para adultos e histórias juvenis. A predominância dos últimos se deve à inspiração do cotidiano com os três filhos, assim como ao estímulo de críticos e leitores, que veem em seus escritos para jovens um acabamento digno de todo aplauso.

A escritora concedeu este depoimento em seu apartamento, no bairro de Laranjeiras, onde acolheu **Ana Clara das Vestes, Dau Bastos, Maria Cecília Rufino e Priscila Santos**. Entre os assuntos, destacam-se a concisão com que sua prosa se aproxima da poesia e a sensibilidade de Rosa Amanda Strausz se assumir escritora do Terceiro Mundo, ao mesmo tempo que se insurge contra a ideologização das escolhas de livros de literatura pelas escolas.

Depois de vir a lume no livro *Papos contemporâneos 1* (2007), a entrevista amplia seu alcance ao ser publicada aqui.

Um beijo de colombina (1991) foi o único volume de poesias que publicou?

Sim. Acredito que não sou boa poeta. Não gosto dos versos que faço, e a pior coisa do mundo é você não gostar dos textos que escreve. Há quem curta minhas poesias, mas o mundo não está precisando delas. Agora, escrever poemas me ajudou a poetizar a prosa, que é carregada de lirismo.

De fato, seu livro Mínimo múltiplo comum tem muitos contos em que o próprio arcabouço se aproxima da poesia.

Há muito se pode dizer que a mistura de gêneros veio para ficar, pois faculta vários ganhos, a começar pela ampliação da liberdade do escritor. Entre meus textos curtos, alguns são contos no sentido estrito, outros têm mais a ver com a crônica e há ainda aqueles mais líricos, que se aproximam da poesia. Entretanto, todos resultam do máximo de investimento na forma. No primeiro momento, deixo a imaginação completamente solta, quase como se me entregasse à escrita automática preconizada pelos surrealistas. Ao concluir a primeira versão da história, começo a montar e remontar, e aí, sim, o trabalho é muito mais intenso, árduo e demorado. Posteriormente, na relação com a editora, é que precisamos classificar o resultado em algum gênero, do contrário os leitores, os críticos, os bibliotecários, enfim, os receptores se perdem.

Os textos de Clarice Lispector atestam a tentativa de atingir a essência, a coisa em si, o númeno a partir do corriqueiro. Esse objetivo nunca é alcançado, mas permanece como horizonte da escrita. Seus contos também partem da realidade mais prosaica, porém, ainda que perfaçam

um movimento ascendente, jamais visam ao suprassensível. Seria isso indício de que Deus está mais morto do que nunca?

Talvez. Só sei que Clarice foi uma grande escritora, mas todas as ficcionistas que procuraram imitá-la fracassaram. O suprassensível, que nela é tão fascinante, parece um precipício nos textos de suas seguidoras. Isso me incomodava muito, eu não queria cair nesse abismo de jeito nenhum. Acho que minha refração à metafísica decorre também de minha forte tendência à ironia, recurso que parece me convir. Além do mais, não posso forçar a barra para assumir uma forma de expressão que não é a minha.

O que faz seus contos serem múltiplos e, ao mesmo tempo, comuns?

Gostaria muito que fossem múltiplos no sentido de polissêmicos, de possibilitarem várias leituras, mas a verdade é que não sei dizer efetivamente o que eles são. Já a ideia do comum diz respeito ao aproveitamento do dia a dia, que tem muito a ver com o tipo de reflexão que a gente fazia nos anos oitenta, de privilegiar a política dos pequenos gestos. Nas décadas de sessenta e setenta, ainda se acreditava em revolução. Para a minha geração, porém, já não havia herói nem grandes mudanças. Existia um processo cotidiano, passível de resultar em melhoria caso fosse levado adiante por milhares de pessoas que, em seus respectivos pequenos universos, agissem de maneira positiva. Hoje, continuo no caminho do pequenininho, mais convencida do que nunca de que as engrenagens que movem o mundo são tão inacessíveis que só conseguimos mexer no que está próximo. Essas pequenas mudanças vão crescendo, ganhando espaço e acabam repercutindo amplamente.

Mínimo múltiplo comum é bem-visto pelos estudantes e professores de Letras, assim como pela crítica especializada, que lhe concedeu o Prêmio Jabuti. Uma das qualidades notáveis nos diferentes textos do livro é o misto de consistência e concisão. Por vezes, parágrafos aparentemente simples, desprovidos de qualquer vanguardismo chamativo, exigem várias leituras para que os conteúdos se desvelem. Mas então percebemos que, entre os elementos que o constituem, figuram preocupações éticas e sociais. Você acha que é função da literatura levantar bandeiras?

Não. Se isso aconteceu, foi decorrência da própria tematização e da atmosfera pesada da época em que o escrevi, pois não tenho interesse algum em fazer proselitismo político. Não acredito que a função da literatura seja discutir princípios éticos e sociais. A ênfase na mensagem detona a ficção e a poesia. Por outro lado, nossa visão de mundo acaba transparecendo no que fazemos. Ao escrever *Mínimo múltiplo comum*, eu tinha uns vinte anos e o país estava saindo da ditadura, o que talvez explique algum resíduo ligeiramente panfletário nas entrelinhas. Sou parte de uma geração que leu menos que as anteriores e não foi exigida do ponto de vista intelectual. Basta pensar que vivemos a reforma do ensino de 1971, passamos a frequentar cursinho pré-vestibular e começamos a fazer prova de múltipla escolha. Para completar, os militares nos impediam o acesso à informação. Eu tinha a sensação de me terem roubado um pedaço da história. Esse pano de fundo e esse pesar certamente se pronunciaram, de alguma maneira, em meu texto. Mas decididamente não acredito que a arte tenha uma função específica. Se tem, é tão somente satisfazer a necessidade humana de criar e apreciar a criação dos semelhantes.

Em mais de um conto, você vira de ponta-cabeça o próprio feminismo. A protagonista de “Amor eterno”, por exemplo, é tão liberada que poupa o parceiro de qualquer compromisso ou trabalho e, assim, acaba reproduzindo um comportamento típico de mãe à moda antiga, que se deixa anular. Você acha que a exploração irrestrita da criticidade é uma das razões de seu livro não se enredar nas malhas do tempo?

Acho que sim. O fato de *Mínimo múltiplo comum* vencer a datação se deve, em grande parte, ao tom debochado. Afinal, mesmo as ideias libertárias, quando muito arrumadinhas ou transformadas em *slogans*, são ridículas. Em meu livro, o homem e a mulher são sempre risíveis, da mesma forma que as situações são relativas. A literatura é o espaço em que podemos afirmar a impossibilidade de se operarem mudanças sociais, comportamentais e culturais de maneira absoluta. É o espaço de afirmação das incertezas e das ambiguidades, inclusive dos discursos políticos, tanto em prol de todos quanto das ditas minorias.

Se fazemos um balanço global da poesia e da prosa nacionais, percebemos que a quase totalidade dos livros foi escrita por pessoas do sexo masculino, oriundas das camadas abastadas da sociedade. É natural, portanto, que os estudos literários incluam pesquisas sobre os escritos de autoria feminina e de segmentos desfavorecidos da população. No entanto, há quem diga que esse tipo de divisão acaba reforçando a própria discriminação. Como uma das prosadoras a publicar um conto no primeiro volume da antologia 25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira, organizada por Luiz Rufatto, o que acha de iniciativas dessa natureza?

A necessidade de se fazer um livro desses, ainda por cima organizado por um homem, é, por si só, um sintoma da primazia masculina no

mercado literário. O organizador é um escritor muito bom, porém o livro foi atacado pela crítica, que o acusou de irregular e de passar uma visão estereotipada do feminino. Concordo inteiramente com esse parecer. Aliás, acho que a invenção do rótulo “literatura feminina” atrapalhou mais do que ajudou as escritoras. As companheiras que investiram nessa literatura autofágica e autista acabaram por contribuir para nossa própria segregação. Todo mundo incorpora o que vive àquilo que escreve; mas há uma grande diferença entre incorporar e fazer disso a única matéria-prima da escrita. A literatura de gênero padece do mal da mesmice. Entre mulheres, essa limitação resulta no que chamo de “literatura de cristaleira”, geralmente produzida por gente incapaz de voos mais arrojados – o que, em literatura, pode ser desastroso.

Deixando de lado os efeitos colaterais indesejáveis da insistência em se afirmar a poesia e a prosa femininas, como explicar que ainda hoje haja muito mais homens do que mulheres publicando? E nem se pode dizer que os machos impedem a veiculação de textos do outro sexo, pois boa parte dos suplementos literários e das editoras do país é capitaneada por mulheres.

Atualmente a mulher trabalha fora e acaba tendo uma vida sobrecarregada, na qual é muito difícil acomodar a atividade de escrever. Uma expressão árabe diz que quando a pessoa enlouquece, alugou o segundo andar. É o que acontece quando se escreve: convive-se com pessoas e situações que não existem. Isso gera um desgaste emocional impossível de conciliar com a criação dos filhos e as demais tarefas dentro e fora de casa. Virginia Woolf escreveu um ensaio belíssimo intitulado *Um teto todo seu*, no qual diz que para parir e escrever, a mulher precisa ter onde morar e o que comer.

Além das dificuldades que as mulheres enfrentam em qualquer latitude, estamos num país analfabeto e pobre. Qual a diferença entre ser escritora de Primeiro Mundo e de Terceiro Mundo?

No Terceiro Mundo, você tem de se preocupar ainda mais com dinheiro e dar mostras de muito equilíbrio emocional, para resistir à rejeição, à indiferença, à tristeza de passar anos escrevendo um livro e quase ninguém ler. Se surgirem mil leitores, você já pode soltar fogos. Essa é a realidade de escritores de ambos os sexos, em nações como o Brasil.

Nenhum entrevistado deste volume vive da literatura, alguns ainda financiam os próprios livros e todos têm uma atividade paralela, com a qual se sustentam. Você, por exemplo, vive de escrever de aluguel, ora para editoras, ora para empresas. Como vê seus clientes?

Com bons olhos, pois financiam minha prosa. Conheço colegas que vivem de literatura – sobretudo entre aqueles que escrevem para crianças e adolescentes –, mas a opção não me agrada. Para viver de ficção eu teria de escrever para o mercado, fazer livro escolar, o que acabaria comigo.

Apesar disso, você já escreveu ficção por encomenda. Foi o caso do livro para adulto Teresa: a santa apaixonada e da coleção infanto-juvenil do Tião Parada. Você impõe algum tipo de condição para fazer esse tipo de trabalho?

Sim, que ele me toque de alguma forma. Aceitei o convite da Objetiva para escrever sobre Teresa d'Ávila porque já conhecia seus textos

e os achava extraordinários. De fato, ao mergulhar na vida dela, constatei que não poderia ter escolhido santa melhor. É uma personagem interessantíssima, de tal modo cindida que me rendeu uma história repleta de conflitos internos. Já os livros do Tião Parada foram mais difíceis, pois se desdobraram de uma série de 28 novelas radiofônicas, das quais só permiti a publicação de cinco. Dentre eles, gosto muito de *O livro do pode-não-pode*, apesar de o texto conter claramente uma mensagem.

Diferentemente dos textos do Tião Parada, o livro Uólace e João Vitor parece se encaminhar para a denúncia, mas se interrompe sem apontar solução para as dificuldades de relacionamento entre a garotada de classe média e das comunidades. Assim, limita-se a perspectivar, como de resto recomendam os teóricos da literatura. E os leitores em geral, como reagem à falta de desenlace definido?

Em geral, as pessoas ficam muito incomodadas. Respondo que a história não se resolve porque não há solução à vista para as desigualdades sociais. Como ficcionista, limitei-me a levantar a questão. Pouco tempo atrás, *Uólace e João Vitor* foi lançado na França, onde achei que seria diferente, mas não: continuaram me cobrando um final. O fato é que nem a realidade nem a literatura oferecem um desfecho satisfatório para o problema. Com que legitimidade eu fingiria o contrário?

Histórias para crianças e adolescentes certamente são mais fáceis de publicar, à medida que a escola e outras instituições precisam delas em suas atividades. O que vê de melhor e de pior em escrever para a guriçada?

Acho uma delícia escrever para criança, divirto-me muito bolando as histórias. O problema começa no momento de publicar, porque geralmente as editoras pedem para modificar o enredo, de forma que ele deixe de ser politicamente incorreto. Acontece que não escrevo para enquadrar meus textos. É muito desgastante produzir na dependência do que o MEC, as editoras e as escolas vão achar, sem que seu leitor se pronuncie. Para piorar a situação, há uma crescente tendência a se supervalorizar a imagem e se desprezar a palavra. Essa visão pode levar, por exemplo, a se ilustrar e catalogar como literatura infantil um conto de Machado de Assis, o que possivelmente fará com que as crianças passem o resto da vida odiando um de nossos melhores escritores. A própria premiação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil pauta-se prioritariamente pelos parâmetros gráficos.

No mercado editorial e no meio acadêmico, é comum se ouvir que não existe literatura para adulto e literatura infantil e juvenil, e sim texto bom e ruim. É possível que o chavão tenha surgido como parte do esforço de valorização dos escritos para a meninada. Caso abstraíamos dessa necessidade, a tese se mantém de pé?

Não, a literatura para crianças e adolescentes se distingue claramente da literatura para adultos. Percebo isso em minha escrita, que muda em função de se dirigir a pessoas totalmente formadas ou a leitores de pouca idade. O texto se modifica em aspectos cruciais, como estrutura, vocabulário, assunto e nível de liberdade. Hoje, a possibilidade de se fazer essa distinção se deve à estética da recepção, cujos teóricos defendem que texto e leitor não somente se amalgamam, mas criam e recriam a obra.

Você fala do encontro do texto com o leitor, mas, como se refere à literatura infantil, talvez convenha precisar se está pensando nos guardiões da escola ou nas crianças.

Pois é, no início achei que ia escrever para as crianças, mas aos poucos descobri que a literatura infantil é o único gênero em que público e mercado não são a mesma entidade. O público são as crianças, mas o mercado não é formado por elas. O livro precisa passar pelo professor, pelo diretor, pelo MEC, enfim, tem de saltar diversas barreiras até conseguir chegar a quem verdadeiramente se destina. Ao final, submete-se totalmente à escola, que o criva com critérios didáticos, pedagógicos e afins. O livro que foge disso cai no ostracismo. Para agravar a situação, a última Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional não exige a adoção de texto literário brasileiro. A maneira que as editoras encontraram de preservar o nicho foi encaixar os livros nos temas transversais: cidadania, ética, meio ambiente, pluralidade cultural etc. Apesar de tantos condicionamentos e percalços, a literatura infantil existe, sim, e não se confunde com literatura para adulto. É de se lastimar apenas que, dentro e fora do Brasil, esteja tão contaminada e mesmo amordaçada pela escola.

A despeito do quadro que você acaba de traçar, muitos professores e mesmo autores de literatura infantil e infanto-juvenil alegariam que pior era o reacionarismo de antigamente, que levava os textos a exorbitar de uma ética por si só questionável, para enfatizar a moral...

É verdade, tanto que autores da geração anterior à minha fizeram uma releitura da literatura de exemplo. Se outrora os textos para

jovens mostravam os desvios de conduta e outros sendo punidos, com esses escritores a norma passou a servir a valores politicamente corretos. Todo o problema é que, assim, o narrador continuou se portando como um adulto a dar conselhos. A única diferença é que, em lugar de afirmar: “Se você fizer isso, será punido”, passou a dizer: “Experimenta e veja o que acontece”. Era de se esperar que o importante ciclo inaugurado por esses escritores fosse sucedido da libertação definitiva da literatura para os mais novos. Por que continuarmos a produzir livros que falam com a criança de fora e de cima? Pois é isso que acontece: o texto diz como ela deve agir e pensar, diferencia o certo do errado... Ora, o diálogo da literatura com o leitor não pode ser esse. Acho que a poesia e a prosa devem traduzir em palavras o que temos de humano no sentido mais amplo, não só o belo e o ético, mas também o feio e o preconceituoso. Não haver lugar para o sexo, para a crueldade, para nada que se considere impuro é lavagem cerebral.

Você acha que, ao reduzir o foco de modo a propagar o bem, a literatura reduz seu potencial de arte capaz de problematizar a existência?

Sim, e nem por isso vira entretenimento. Se fosse entretenimento, tudo bem, seria ótimo para as crianças e mesmo para os adultos. Em meu paraíso ideal, as crianças leriam muito mais entretenimento e muito menos livros corretos. Até porque no começo, quando se é bem criança, ler é penoso. Se o texto não se mostra deveras interessante, a criança o larga. Claro, se você pergunta que livros um brasileiro adulto leu, certamente ouve os nomes de Machado de Assis, Monteiro Lobato e outros integrantes do cânon. Muitos de nós escondemos que devorávamos fotonovelas e outras porcarias

que, na verdade, talvez tenham sido decisivas em nossa formação de leitores.

Você chegaria a dizer que a forma como a escola trata a literatura continua traumatizando os alunos?

Com certeza. Percebo isso quando vou conversar com os estudantes. Os adolescentes, em especial, geralmente detestam ler. Pergunto o que conhecem que não tenha sido indicado pelos professores e me respondem que nada. Sugiro que procurem outro tipo de texto, mas não sabem onde procurar, nem têm quem oriente. O mais triste é acharem a literatura careta. Mal sabem que a poesia e a prosa são muito mais transgressoras que o rock.